

## Vitória



Por **HOMERO SANTIAGO\***

*Comentário sobre o filme dirigido por Andrucha Waddington e Breno Silveira, em exibição nos cinemas.*

### 1.

Que filme bonito! Foi o que pensei logo ao sair da sessão de *Vitória*, dirigido por Andrucha Waddington e Breno Silveira.

A filmagem segura e o ritmo tranquilo, sem solavancos nem cortes apelativos, imprimem à narrativa uma calma que contrasta fortemente com o narrado. O descompasso gera uma tensão que se avoluma até tomar conta da alma de Dona Nina, a protagonista magistralmente interpretada por Fernanda Montenegro – detalhe formidável: já bem entrada na nona década, a gente não sabe se ela interpreta ou se são reais o andar cambaleante, as olheiras monstruosas e uma implicância caricata.

Que beleza tudo isso! Para ser melhor, só se fosse uma história não acompanhada da advertência “baseada em fatos reais”. Não tenho dúvida que a arte possui uma função cognitiva, só que esta certamente não reside na transmissão de informações. Quem quiser saber algo sobre o tráfico de drogas, horizonte geral do filme, que vá ler um livro ou assistir a um documentário. O verdadeiro tema de *Vitória* não é esse, mas o estraçalhamento de um modo de vida.

Ao longo de anos de trabalho em casas de família (com todos os horrores que, no Brasil, isso costuma envolver), Dona Nina economiza e consegue comprar um lar numa ladeira que outrora parecia “uma floresta”, como ela saudosamente lembra. Só que o morro virou uma favela dominada por traficantes que estão logo ali, à beira da janela de sua sala de estar e ao alcance de suas retinas curiosas.

Ela sofre com o barulho, as brutalidades e, sobretudo, com os tiros que perfuram janelas e chegam a atingir uma vizinha de que ela gostava muito. O seu imenso sofrimento é ignorado pelos vizinhos, que com muita razão alegam nada poder fazer.

A vida de Dona Nina se vai esvaindo; ela não dorme, vive amedrontada; suas relações tornam-se impossíveis: a caixa do mercado, com quem conversava, é assassinada diante de seus olhos; o menino Marcinho, que lhe ajudava e compartilhava o café da tarde, é tomado pelos entorpecentes, pego em delito e logo aliciado pelo tráfico. A pior tristeza se instala em sua alma e de tudo toma conta.

Num filme tão belo quanto do ano retrasado, *Dias perfeitos*, Wim Wenders narrava o abalo de uma rotina feliz cuidadosamente forjada e cultivada. Em *Vitória*, de maneira bem mais carioca do que toquiota, nem chegamos aos perfeitos dias nem a abaladura é familiar: em vez da chegada repentina de uma sobrinha, trata-se do tráfico, da polícia, dos tiroteios, da insensibilidade humana, da bruteza do cotidiano; tudo o que fratura uma vida, a tal ponto que esta, arremessada ao fundo do poço, seja coagida a reagir, reunindo e mobilizando as suas forças restantes. É o que decide fazer

# a terra é redonda

Dona Nina após um episódio decisivo.

## 2.

Para o café da tarde, ela escolhe a dedo uma xícara. Serve-se, e sorve prazerosamente o líquido. De repente, estampidos a desequilibram. a mão deixa cair o objeto; a chávena se esfrangalha; tiros atravessaram a janela. Ato contínuo, ela conclui que precisa fazer algo. A primeira ação é uma denúncia no batalhão da PM; sem sucesso. A polícia diz que faltam provas. Dona Nina decide então produzi-las.

Cogita comprar uma filmadora e, na loja, após tomar informações sobre o apetrecho, significativamente despede-se perguntando ao atendente onde se vende “cola tudo”. Em sua cabeça é uma só coisa: recompor a xícara, gravar provas, salvar a vida. Não poderia ser mais clara a linha de etapas que dá sentido à história. O curso narrativo do filme é estruturado pela tentativa de colar os pedaços da xícara, como a refazer a unidade da alma divisa em cacos.

Todavia, quando tudo parece que vai bem, a xícara finalmente recomposta voltará a ser usada, as denúncias estão bem encaminhadas, em suma, quando a vida parece poder voltar a ser vivida, vem a triste surpresa: o café escorre pelas rachaduras. O signo é claro. O perigo é iminente; urge fazer algo, dar vazão a um último e desesperado ato. Fugir.

No correr da projeção, fui várias vezes à tese basilar de Bento de Espinosa de que toda coisa é um *conatus*, isto é, um esforço de perseverança que a define. “O esforço pelo qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser não é nada além da essência atual da própria coisa.” Essa afirmação da *Ética* espinosana não deve ser lida de maneira demasiado chã, como a indicar um instinto de autopreservação; isso não resume a tese nem colhe o que nela, para nós, é fundamental.

Aos seres humanos, a noção de vida ultrapassa a de mera existência biológica mantida a qualquer custo e sob quaisquer circunstâncias. Não fosse assim, não teriam sentido ideias tão corriqueiras como de sacrifício, suicídio, heroísmo. Para nós, além da vida biológica, está aquela que se conforma a um modo de existir e vivenciar o mundo, as pessoas e as coisas. Tudo isso integra o *conatus* que cada um é.

*Vitória* é uma excepcional ilustração das tensões envolvidas nessa tese filosófica ao mesmo tempo que a ilumina, sugerindo uma compreensão particular e desafiada ao simplismo. Dona Nina não quer somente manter-se viva. Entristecida, em seus piores dias, ela se esforça em recobrar a vida, o seu modo de vida; e daí tanta reluta em abandonar a casa que comprou e onde mantém as suas coisas, recebe Marcinho, e que serve de ponto de referência a pessoas e lugares que ainda a fazem sentir-se Dona Nina, ou seja, sentir-se si mesma. Mas tudo irá, literalmente, xícara abaixo.

O escorrer do café é o signo do despontar de outra dimensão do mesmo problema, a qual ela terá de enfrentar e o fará de modo inesperado. A fuga final, a bem dizer, vem na contramão de todas as ranzinices; era o que ela abominava, o que ela se recusava a fazer... Ainda assim, uma surpreendente e vigorosa coerência se desvela em sua atitude.

Virtuosamente, no curso desses dias tristíssimos, Dona Nina levanta-se, compreende e agarra a fortuna. Daí provém, sem tirar nem pôr, a sua suprema *Vitória*.

**\*Homero Santiago** é professor no Departamento de Filosofia da USP.

## Referência

*Vitória*

Brasil, 2025, 113 minutos.

Direção: Andrucha Waddington e Breno Silveira.

# a terra é redonda

Roteiro: Paula Fiúza.

Elenco: Fernanda Montenegro, Silvio Guindane, Jeniffer Dias, Linn da Quebrada.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.  
Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**

A Terra é Redonda